

Cerimónia da tomada de posse e abertura do ano letivo 2017/2018
Intervenção do Reitor da Universidade de Lisboa
20 de setembro de 2017

Exmo. Senhor Presidente da República, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Exma. Senhora Presidente do Conselho Geral da ULisboa, Dra. Leonor Beleza.

Exmos. Senhores membros do Conselho Geral, agradeço a confiança em mim depositada para este segundo mandato.

Senhores Conselheiros, Presidentes dos Supremos Tribunais e do Tribunal de Contas

Exmos. Senhores Secretários de Estado

Senhores Deputados

Autoridades Militares

Senhores Embaixadores

Meus caros Reitores e Vice-Reitores

Senhores Presidentes dos Institutos e Escolas Politécnicas

Senhores Comandantes das instituições de ensino militar

Senhores Membros do Senado

Senhor Provedor do Estudante

Caros membros da Equipa Reitoral

Cara Administradora da Universidade e caro Administrador dos Serviços de Ação Social

Caros Presidentes, Diretores e outros dirigentes das Escolas

Caros dirigentes das Associações de Estudantes

Restantes membros da Comunidade Académica

Ilustres e distintos Convidados,

Caros Colegas,

Minhas senhoras e meus senhores

Começo por saudar Sua Excelência, o Presidente da República, que muito honra a Universidade com a sua presença.

Devo partilhar com todos os presentes que Sua Excelência, o Presidente da República, me comunicou que não pretendia usar da palavra por deferência pela autonomia da universidade.

Espero, no entanto, que o seu silêncio não persista em excesso e nos possa dar a honra de proferir a lição de abertura do ano académico 2018/2019, que ocorrerá dois meses antes da data da sua jubilação como ilustre docente da Universidade de Lisboa.

Agradeço também a presença de todos, que constitui um forte estímulo para o nosso trabalho.

Apresento-me, hoje e aqui, com o renovado propósito de continuar o projeto iniciado há 6 anos, quando um grupo numeroso de docentes e investigadores, de trabalhadores técnicos e administrativos e de estudantes, se uniram em torno de uma ideia de Universidade que melhor servisse o país.

A Universidade de Lisboa reúne condições de saber, experiência e vontade capazes de a elevar a novos patamares de qualidade e sucesso. Estou ciente das exigências postas à sua governação. Conheço a disponibilidade, a competência e a lealdade à Universidade dos dirigentes das Escolas, dos serviços centrais e dos serviços de ação social.

Estou consciente da grande responsabilidade do cargo e sei que os tempos que se avizinham continuam incertos. Por mais que se faça, continua sempre muito por fazer. É essa a essência da Universidade.

A Universidade tem que saber antecipar as mudanças num mundo que muda sempre, que muda muito, e que muda muito depressa. Olhando sempre para mais longe, para as gerações futuras, resistindo ao imediatismo da opinião, mas sabendo adaptar-se às contingências sociais e financeiras do presente.

Quero continuar a ajudar a construir uma Universidade que se oriente por requisitos de qualidade, de rigor, de eficiência, e de propósito, em todos domínios da sua missão. Tenho a ambição de construir uma universidade mais reconhecida e relevante em Portugal e no mundo.

Não querendo cansar-vos com um balanço exaustivo do caminho percorrido pela Universidade de Lisboa nos últimos 4 anos, sempre direi que o programa que então aprovámos foi amplamente cumprido.

É de elementar justiça uma palavra muito especial para cada um dos colegas da equipa reitoral que me acompanharam nestes quatro anos sem os quais não teríamos alcançado tão bons resultados. Muito vos agradeço, em meu nome e em nome da universidade.

É certo que, com a alteração de escala e de abrangência, a Universidade de Lisboa adquiriu um poder acrescido para realizar os seus objetivos. Uma posição de vanguarda no contexto nacional e um maior relevo no contexto europeu e mundial. A Universidade de Lisboa conseguiu ser mais do que a soma das suas duas antecessoras e pode hoje comparar-se com as principais universidades de cidades capitais da Europa em número de estudantes e produção científica, ficando, geralmente, abaixo delas em termos de dotações orçamentais e de recursos humanos disponíveis.

A Universidade de Lisboa tem obtido excelentes resultados nos principais rankings internacionais, pertencendo ao conjunto das melhores Universidades do mundo, sempre que são usados critérios objetivos para a aferição do desempenho.

Mas não devemos desviar o foco do que é a principal missão de uma Universidade - a formação dos seus estudantes.

A abertura do ano académico é dirigida em especial aos novos estudantes, simboliza o rejuvenescimento e a intemporalidade da Universidade que neles encontra a razão principal da sua existência.

Para os novos estudantes, que procuram na ULisboa a sua *alma mater*, quero deixar uma calorosa palavra de boas vindas. Fizem uma boa escolha e fica da nossa parte a promessa de que tudo faremos para estar à altura dos vossos sonhos e dos vossos anseios.

Estão de parabéns pelo esforço que realizaram e que vos permitiu entrar na Universidade. Nesta Universidade terão todas as condições para desenvolver as vossas competências científicas e técnicas, mas também as vossas capacidades humanas e a vossa cidadania. Trabalharão arduamente, passarão por dificuldades e também por bons momentos. Ganharão independência e capacidade crítica. Serão fonte de inspiração para muitas pessoas. Farão certamente amigos para a vida.

Estejam bem cientes do muito que se espera de vós. Do vosso esforço. Da vossa abnegação. Da vossa capacidade de resistir aos momentos de frustração e de tensão. Mas sobretudo da vossa capacidade de superação, que vos fará mudar o futuro do País e do Mundo.

Esta sessão de boas vindas procurará dar-vos a conhecer alguns dos espaços da Universidade e do que aqui se realiza. Ficarão a saber que, além da vossa, há outras Escolas, que temos o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, os Serviços de Ação Social, os Jardins Botânicos da Universidade e o Estádio Universitário com a sua múltipla oferta desportiva.

A relevância de uma universidade mede-se pela capacidade de promover o desenvolvimento Humano, em que se inclui a capacidade para inovar e o dever de transferir para a sociedade os saberes e competências, sejam eles científicos, económicos, culturais ou artísticos.

Deixem que vos fale muito brevemente da nossa Universidade:

No ano letivo que terminou concluíram as suas licenciaturas, mestrados e doutoramentos, quase 10.000 estudantes.

A Universidade de Lisboa preencheu na primeira fase, quase todas as vagas no concurso nacional de acesso, e apresenta excelentes indicadores de procura.

De entre os seus quase 50.000 estudantes, a Universidade de Lisboa acolhe cerca de 7.000 estudantes internacionais, provenientes de mais de 100 países, criando um ambiente cosmopolita, que muito favorece o conhecimento do Mundo, a tolerância e a construção duradoura de contactos e de amizades.

Também a nossa cidade, Lisboa, se está a transformar com a presença de estudantes que chegam à nossa universidade, vindos de todas as partes do mundo, trazendo-nos as suas culturas, os seus costumes, as suas línguas e a sua disponibilidade e vontade para crescerem connosco. Também com eles apreciamos melhor a beleza da nossa cidade, ou a riqueza do nosso povo e da nossa cultura.

Os Serviços de Ação Social apoiam os estudantes da Universidade, não só através da atribuição de Bolsas de Estudo, mas também garantindo melhores condições nos nossos refeitórios, residências e em espaços de estudo, que muito contribuem para o sucesso dos estudantes.

A recente inflação de preços no arrendamento de casas e quartos está a criar dificuldades aos estudantes do Ensino Superior em Lisboa, tornando ainda mais urgente a oferta de mais e melhores residências universitárias. Consciente desta carência, a Universidade iniciou um ambicioso programa de construção de residências universitárias. Estamos a construir uma residência no campus da Ajuda, que irá alojar, a partir do próximo ano, 180 estudantes; está em fase final de licenciamento uma outra residência no campus da cidade universitária com capacidade para 150 estudantes, e foi lançado concurso para a concessão e reabilitação de um edifício, nas instalações da Escola Politécnica, que será também explorado como residência de estudantes.

Mas o grande projeto será a construção de uma residência para 800 estudantes na cidade universitária, junto à Biblioteca Nacional, que pretendemos terminar antes do final deste mandato.

De todos os aspetos que constituem os pilares de uma universidade, um dos mais impressionantes para os novos estudantes é a investigação e a descoberta científica. A par do que são os últimos conhecimentos sobre as diversas matérias, os estudantes universitários são continuamente confrontados com a descoberta e explicação do que é desconhecido, incerto, ou parece inexplicável.

Na Universidade de Lisboa, sabemos que sem investigação não há conhecimento novo nem inovação tecnológica, ou outra. A investigação é também fundamental para que haja melhor ensino universitário. E esta investigação é cada vez mais um trabalho de

equipas, de saberes diferentes, de parcerias, em colaboração, num processo de diálogo com a sociedade e com o mundo.

A Universidade de Lisboa tem vindo a tomar importantes iniciativas de fomento da investigação. Temos apoiado novos estudantes de doutoramento, através da atribuição de 160 bolsas de estudo financiadas pela Universidade. Contratámos cerca de três centenas de novos docentes nos últimos dois anos, dos quais cerca de um terço em início de carreira. Manteremos um ritmo regular de contratação de novos professores, essencial para rejuvenescer a universidade, sem esquecer a oportunidade de progressão dos nossos docentes. Contratámos ainda, um número idêntico de trabalhadores técnicos e administrativos, sem os quais a nossa Universidade não conseguiria funcionar. Soubemos assim aproveitar mais esta oportunidade que resultou da fusão: invertemos a tendência de envelhecimento do nosso pessoal em moldes que não seriam possíveis noutro contexto.

Apoiamos as Unidades de Investigação, os jovens empreendedores, e promovemos a inovação e a transferência do conhecimento para a sociedade. O novo complexo interdisciplinar, na cidade universitária, com a sua incubadora, serve agora estes propósitos.

Continuamos a premiar o mérito científico, celebrando os êxitos dos nossos docentes e investigadores, com a atribuição de prémios por áreas científicas, com o apoio de parceiros institucionais.

As políticas de investigação dos sucessivos governos, assim como os constrangimentos legais e financeiros dos últimos anos, criaram condições de precariedade laboral intoleráveis. Alguns dos nossos jovens investigadores vêm, há tempo de mais, passando de bolsa de pós-doutoramento para nova bolsa de pós-doutoramento.

Isto é o resultado do subfinanciamento crónico das universidades portuguesas e do nosso sistema científico. Se a ele juntarmos o bloqueio legal de novas contratações, que persistiu durante demasiados anos, e o crescente número de doutorados que vêm nas Universidades o seu quase exclusivo local de trabalho, teremos enunciado as principais razões para a precariedade laboral dos doutorados. Nunca me cansarei de dizer que, há uma década atrás, o financiamento das Universidades portuguesas era 50% superior ao

atual, em valores nominais, sem considerar a inflação. E note-se que este decréscimo de financiamento ocorre quando há mais estudantes a frequentar o Ensino Superior, reduzindo ainda mais o financiamento por estudante, já de si um dos mais baixos da Europa.

Para se adaptarem a estes constrangimentos, as Universidades conseguiram aumentar em muito a eficiência da sua gestão, mas inevitavelmente não renovaram o corpo docente e de funcionários, deixando que as aposentações ocorressem sem a consequente contratação de novos professores e trabalhadores técnicos e administrativos. Ora a universidade precisa de preparar as novas gerações de docentes, tarefa que não é instantânea, e que não admite o risco da descontinuidade.

Mesmo quando não existiam entraves legais específicos à abertura de concursos, não estavam reunidas as condições financeiras que permitissem novas contratações de pessoal com vínculo permanente. Como consequência, as necessidades crescentes foram supridas através do recurso a docentes convidados, chegando-se ao extremo de criar um regime de docentes convidados em dedicação exclusiva, com isso pervertendo o interesse potencial na colaboração de especialistas que transportem para dentro da universidade a importante parcela de conhecimento do mundo das empresas e da sociedade.

Procurando responder a esta situação foi aprovada a Lei 57/2017, que cria a oportunidade de abertura de concursos para a carreira docente, ou de investigação, nas áreas disciplinares, ou científicas, em que existam bolseiros doutorados a exercer funções há mais de 3 anos. Durante 6 anos o financiamento destes docentes ou investigadores será assegurado pela FCT, o que constitui uma oportunidade para promover a renovação do nosso corpo docente.

Não obstante, não foi ainda divulgado o modo como o Governo pretende garantir o financiamento destas contratações após aquele período de 6 anos, cujo valor ascenderá a pouco menos do que 200 milhões de euros por ano, em regime permanente.

Do mesmo modo, não é ainda absolutamente claro se a resposta a estes bolseiros se esgota com a abertura de concursos. É que é para mim ponto de honra que, no que de mim depender, na Universidade de Lisboa não serão abertos quaisquer concursos à

medida de qualquer bolsheiro, docente ou funcionário. Só assim conseguiremos construir uma Universidade competitiva, capaz de ombrear com as melhores da Europa e do Mundo. A Universidade sonhada por José Mariano Gago, por João Lobo Antunes, por Carlos Matos Ferreira, por António Sampaio da Nóvoa, por José Marques dos Santos, e por tantos outros professores e cientistas que construíram os alicerces daquilo que é hoje o sistema científico português, de que tanto nos devemos orgulhar, e que o país ainda não celebrou como devia.

Mas esta Lei contém uma grave ameaça no que respeita à contratação de investigadores a termo, no âmbito de projetos futuros, financiados pelas agências de investigação.

É que nas instituições de direito público, a lei estabelece a obrigatoriedade de contratação inicial por 3 anos, dure o projeto 3, 2 ou apenas 1 ano. A este período inicial segue-se, uma renovação automática de até 3 anos, mesmo que já não haja projeto! Findo este período de 6 anos terá que ser aberto concurso para a carreira docente, ou de investigação, haja ou não projeto, haja ou não interesse estratégico na área científica em causa, exista ou não exista financiamento. Este é o regime para as instituições de direito público, mas não para as instituições de direito privado.

A diferença de tratamento no direito público ou privado pode conduzir a que a execução de futuros projetos de investigação, financiados pelas agências de investigação, não ocorra no seio das universidades de direito público. Tal representa um enorme risco para o seu futuro, caso mantenham o seu atual estatuto. Devemos, todos, estar bem cientes disto.

Ora esta lei não poderá ser aplicada sem que lhe sejam introduzidas as alterações que a tornem exequível: a autonomia universitária não pode ser coartada com a imposição de abertura de concursos para a carreira que se cingem a uma lógica de extensão automática de projetos pontuais e não consideram o interesse estratégico, científico e pedagógico da universidade. Já para não falar da questão na insustentabilidade financeira de uma medida desta natureza.

O financiamento de projetos de investigação em áreas definidas como estratégicas, por razões circunstanciais de poder ou outras, poderá não ter qualquer adesão coerente à estratégia da Universidade. Já todos assistimos à definição de áreas estratégicas, que só

o são por coincidirem com aquelas em que trabalham os decisores, ou os que lhe são próximos. Qualquer que seja a estratégia a seguir, para ser sustentável, deverá em primeiro lugar ser consonante com os interesses permanentes da Universidade.

O acordo celebrado entre o Governo e o CRUP, em 2016, é um bom exemplo de que é possível acordar uma estratégia que mantenha incólume, ou reforce, a autonomia das Universidades. Este acordo veio garantir um quadro de previsibilidade para a dotação do orçamento de estado até ao final da legislatura, e um conjunto importantíssimo de melhorias na agilidade de gestão das Universidades. Em resultado deste acordo, as universidades públicas são hoje entidades voluntárias no âmbito do sistema nacional de compras públicas e podem renovar, dentro de determinados limites orçamentais, o seu corpo docente. Foi também assumido o compromisso de que qualquer alteração legislativa que aumentasse a despesa, ou diminuísse a receita das universidades seria compensada com o correspondente aumento da dotação do Orçamento de Estado. Até ao momento este acordo tem servido bem os interesses do País. Mas não esqueçamos que os acordos são para ser cumpridos. Com base neste acordo deverá haver um aumento da dotação das Universidades no valor exato que decorre do aumento do salário mínimo, da atualização do subsídio de refeição, do pagamento do incremento salarial que resulta das agregações, de pagamentos das publicações em Diário da República, cujo valor é, desde o ano passado, muito superior, ou do congelamento do aumento do valor da propina máxima. Há quem considere estas situações uma bizzarria insignificante que não excede 1,2 milhões de euros anuais. Independentemente do valor que esteja em causa, os acordos têm de ser cumpridos, sempre e por todos aqueles que os firmam. Pelo Governo, e claro, também por todas as Universidades.

Outro assunto que tem estado na ordem do dia é o descongelamento das progressões salariais. Não posso estar mais de acordo com esta decisão, que só peca por tardia.

Mas que não haja a tentação de transferir um terço do custo destas progressões para a disponibilidade das receitas próprias das universidades. Esta medida criaria situações de injustiça e constituiria, sem dúvida, uma clara violação ao acordo que assinámos.

A Universidade de Lisboa saberá cumprir o seu papel na construção de um Portugal melhor, mais justo, mais desenvolvido e mais ambicioso. Onde a opinião e o trabalho de todos sejam apreciados e devidamente valorizados. Queremos ajudar a construir um

Portugal mais culto, com mais capacidade científica e técnica. Queremos ajudar as nossas empresas, a nossa indústria. Onde a humanidade esteja no centro de tudo o que fazemos.

Para terminar gostava de deixar uma palavra de reconhecimento a todos os que nos deram a honra de nos acompanhar neste momento importante para a Universidade de Lisboa e em especial aos Diretores e Presidentes das Escolas e aos seus professores, investigadores, trabalhadores técnicos e administrativos, aos trabalhadores dos Serviços Centrais da Reitoria, dos Serviços de Ação Social, do Estádio Universitário e dos Museus pelo extraordinário empenhamento que têm posto na construção da nossa Universidade.

Manifesto, também, o meu profundo reconhecimento a todos os membros da nossa comunidade académica que ao longo do corrente ano letivo se jubilaram ou aposentaram, por uma vida de dedicação à nossa casa comum.

Uma palavra final de agradecimento aos membros da equipa reitoral que hoje tomaram posse. Sei que, como eu, ambicionam muito para a nossa Universidade.

Bem hajam.